



**Universidade Federal do Amapá  
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia  
Disciplina: Filosofia da Educação I  
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**Deveres e Riscos do Intelectual Político**

Certa vez, Platão contou uma parábola. Utilizando o método do diálogo, em que o interlocutor principal era o velho Sócrates, Platão discorreu longamente sobre o compromisso político do filósofo – na época título atribuído a todo aquele que se dedicava ao trabalho intelectual. Platão, o filósofo, tinha não somente possibilidade, mas principalmente o dever de comprometer-se com a atividade política. A política, a arte de conduzir os destinos da cidade, exigia que os dirigentes fossem pessoas competentes, formadas para o exercício da mais importante tarefa da cidade: orientar os homens para a plena felicidade. Desta forma, o dirigente maior deveria ser o modelo de Sábio, aquele que, após ter passado por todas as provas de experiência e da dedicação às artes do espírito, mantivesse incorruptível o amor ao saber e soubesse distinguir corretamente a verdade, da falsidade; o belo, do feio; o bom, do mau; o justo, do injusto.

Para Platão, tal condutor dos destinos da cidade é necessário, já que os homens vivem na ignorância. Poucos são os que ascendem ao saber e conseguem divisar o Bem, a Luz plena. Todos vivem como se estivessem amarrados numa caverna. E aqui começa sua parábola.

Vamos imaginar um grupo de homens que, desde o seu nascimento, estivessem amarrados no fundo de uma caverna, de costas para sua entrada. Estas infelizes pessoas jamais teriam visto a luz do dia, mas conseguiram ver, projetadas no fundo da caverna, as sombras de tudo o que se passasse na entrada, projetadas pelos raios de luz. Estas pessoas certamente aprenderiam a distinguir as sombras projetadas e, não tendo conhecido outra situação diferente, não saberiam tampouco imaginar que existisse qualquer outra



realidade além das sombras. Certamente essas pessoas chegariam a disputar quem teria melhor visão que o outro, ou melhor, quem dentre eles seria mais Sábio. “Eis ali um cavalo”. “olhem uma árvore, um carneiro” e continuariam por aí adiante, sem saber que estava enxergando fantasias e não a realidade.

Mas, continua Platão, por golpe de sorte, um deles escapa de suas amarras e, arrastando-se, consegue sair para fora da caverna. Inicialmente não enxerga nada, pois estava acostumado às sombras, e a luz do dia fere a vista. Depois, pouco a pouco, vai tomando conhecimento do espetáculo que lhe parece diante dos olhos. Não mais das sombras, mas o real. Não as sombras de uma árvore, mas a árvore. Não mais sombra de um animal, mas o animal. E que diferença! Que espetáculo! Lembra-se do tempo em que viveu na caverna, no mundo de ilusões, quando confundia simples fantasmas com a realidade. Como a luz é diferente das trevas! Ele passa a distinguir agora a verdade, do falso. O real da fantasia. E lembra-se de seus companheiros, ainda presos na caverna.

O homem que agora conhece o real, sente-se na obrigação de não conviver sozinho com a verdade, pois esta não é a posse pessoal e solitária, mas exige participação e cooperação. E resolve voltar à caverna para trazer de lá os seus infelizes companheiros. Volta à área da caverna e agora... outra surpresa. Não mais consegue divisar as sombras do fundo da caverna, pois seus olhos, iluminados que foram pelo sol verdadeiro, tornaram-se cegos para as aparências. Assim convida seus companheiros:

“Venham para fora comigo, pois a realidade é totalmente diferente destas sombras... Lá fora está a verdade. O que vocês estão vendo aqui são apenas imagens falseadas da verdade”.

Contudo, seus companheiros não acreditaram nele. Convida-o para apontar o que eles vêem. Mas, o homem não consegue mais ver as sombras. E seus companheiros julgam-no um mentiroso, um falsário. “Saia daqui, safado e mentiroso. Você ficou cego lá fora, e quer levar-nos para ficarmos cegos também. Suma”. E Platão prevê que, se os companheiros não estivessem amarrados, seriam capazes de estraçalharem o antigo amigo que queria libertá-los da vida do fundo da caverna. Aqui interrompemos a parábola.

Fica-nos a lição. Parece que grande parte das pessoas se acostuma facilmente com as sombras, a falsidade, as meias verdades, o engodo, a



mentira. E quem quer que seja que adquira o amor à verdade, ao bem, ao justo, ao belo corre o risco de ser eliminado, se tentar mostrar aos outros que eles estão vivendo o falso e o artificial, como se fossem a verdade e o real.

P.S.: Escrito para servir como elemento reflexivo na matéria Filosofia da Educação, ministrada pelo Sociólogo e Psicopedagogo João Nascimento Borges Filho, Docente efetivo da UNIFAP.



*Prof. Borges*

